

# O Canabarro

TUDO PELA LIBERDADE

ANO XIV

DIRECTOR: PAULINO VARES

ANNO. 1044

REPÚBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Administrador: A. Pereira dos Santos

RIVERA, 5-FEIRA 5 DE JANEIRO DE 1899.

## A PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE

David Cunibarro e a sur-  
presa do Porongos

## DEFESA DE CANABARRO

(Continua n.º 1043 d'O Cana-  
barro.)

Estas acusações não se podem apoiar em documento algum de valor, nem se fundam em razões que resistam a um exame serio.

As duas primeiras versões que citei, além de cheias de inexac-  
tides, que ficaram apontadas, não podem merecer inteira fé, porque nenhum dos dois infor-  
mantes acompanhava na ocasião o exército republicano. (1) São apenas informantes de tradição e sobre a tradição, de cura  
só parelhadade, sem a confirmação de documentos escritos  
não pode em caso alguma fundar-  
se uma narrativa histórica, máxime quando a tradição é recor-  
lhida depois de um período de mais de 50 anos, em que já se perdeu a memória exata dos factos, esquecendo-se promotores e confundindo-se datas. No mesmo caso, está a ver-  
sto consignada pelo Dr. Varela,  
cheia de erros e escrita sem o  
mínimo exame dos factos.

Os documentos escritos da época em que baseei a minha exposição, o *Diário* de Fontoura, as ordens do dia e a correspondência oficial de Caxias, o officio de Bento Gonçalves a David Canabarro e a sua carta a Diony-  
sio Amaro, são perfeitamente autênticos e devem merecer inteira fé, porque todos elles par-  
tem de pessoas que estavam ao  
par dos acontecimentos e cujo  
caracter não deixa margem a  
suspeitar-se que houvessem fal-  
tado à verdade para encobrir um  
conluio deshonroso.

O mais importante e mais mi-  
nucioso delles é, pela sua mesma  
particularidade de ser escrito  
todos os dias, à proporção que se  
iam desdobrando os factos, de  
um valor indiscutível e de uma  
fidelidade completa. Fontoura era  
um homem virtuoso, que não  
ponhava censuras aos próprios  
amigos e partidários, quando delas se tornavam mercedores.  
Além disso, no *Diário* não se  
percebe idéa preconcebida de  
defender Canabarro, o que o tor-  
naria suspeito.

Esses documentos partem de  
origens opostas e são firmados  
pelos mais altos representantes  
dos dois partidos de um lado Ca-

(1) O Sr. Valete nem ao me-  
nos era arregimentado, con-  
vivendo apenas com alguns offi-  
cias. Declarou não ter assistido  
à surpresa.

O Sr. Caldeira, que foi oficial  
de fileira, também não estava no  
exército. Só dias depois é que se  
foi apresentar a Canabarro, offe-  
rendo-lhe os seus serviços, que  
não foram aceitos.

xias, do outro Bento Gonçalves  
e Fontoura, devendo ainda no-  
tar-se que os dois últimos repre-  
sentavam também as duas fac-  
ções em que se debatiam em lu-  
cta intestina os farrapos, sendo  
inimigos irreconciliáveis. Nestas  
condições, se algum delles, ou  
mesmo todos eles não exprimis-  
sem a verdade, deveria haver de  
para um outro contradicções pal-  
paveis. No entanto estão de per-  
feito acordo e, completam-se,  
confirmam-se, elucidam-se de tal  
modo que não deixam margem a  
duvidas.

Tive ainda outro subsidio valioso trazido pelas *Reflexões so-  
bre o generalato do Conde de Ca-  
xias*, livro escrito um anno de-  
pois e que, apesar de não trazer  
nome do autor, se conhece ser de  
um oficial que esteve de posse  
de documentos originais, muitos  
dos quais se perderam ou jazem  
esquecidos em algum arquivo.

A essas fontes de informa-  
ção, todos de acordo entre si,  
reuni ainda diversos testemunhos  
de vista, aler de muitos outros  
de tradição, recolhidos por inter-  
medio de pessoas dignas de todo  
o credito. Assim é que a minha  
narrativa ainda é confirmada pelo  
depõimento de dois republicanos,  
os Srs. capitão José Pacifico Ri-  
beiro e João Pedro da Costa, e  
dois legalistas, os Srs. tenente  
Pedro José Bandeira e Leonel  
Ribeiro de Almeida, que assisti-  
ram todos ao assalto da madruga-  
da de 14 de Novembro.

\*\*

Os três pontos capitais da ac-  
cusação a Canabarro destroem-  
se, portanto, com a maior facil-  
idade.

De facto, Canabarro foi o úl-  
timo chefe do exército republicano  
que aceitou a paz, quando já se haviam conformado com ella  
Bento Gonçalves, Antônio Netto,  
José Mariano, Luiz Barreto, Dom-  
ingos José de Almeida e outros.  
Oppunha-se até energicamente  
a ella, não desistindo da idéa da  
federação senão no mês de Outubro,  
já no ultimo extremo, quando  
vin de todo perdida a esper-  
ança de triunho e quando se  
lhe apresentou ao espírito a pos-  
sibilidade de um rompimento de  
Rosas com o Brasil. (2) Quando se deliberou a entrar em um ac-  
cordo, não encontrou oposição,  
tendo os generais Netto e João  
Antônio, o presidente Jardim, os  
ministros Manoel Lucas e Chagas,  
convocados em conselho, acei-  
tado as bases da conciliação,  
propostas por Bento Gonçalves,  
e com as quais se mostraram to-  
dos satisfeitos.

(2) Desde 15 de Setembro cir-  
culavam no exército republicano  
notícias do proximo rompimento  
do imperio com Rosas. O general  
Netto, em carta a Manoel Lucas,  
fallava na guerra como causa de-  
cidida.

Cartas de Manoel Lourenço do  
Nascimento, escravas de Pelotas,  
adeantavam mais que o governo  
imperial, que se preparava para  
a guerra, dispunha-se também a  
tratar a paz com os revolucionários.  
(A. V. Fontoura: *Diário*)

O 2º ponto é ainda mais absur-  
do.

O coronel Amaral, oficial de  
inteira confiança de Canabarro,  
em virtude da sua comprovada  
bravura e incontestável capaci-  
dade militar, era significamente  
incumbido de comissões fora do  
grosso do exército, o que nada  
tem de extraordinario. Em uma  
dessas expedições, depois de bat-  
ter os contrários, apossando-se  
da praça de Jaguário, foi ferido  
traumaticamente por uma bala.  
De um facto tão simples tirou-se  
materia para uma tremenda ob-  
jurgatoria a Canabarro, acusan-  
do-o de ter destacado aquele  
oficial na certeza de que ia sacri-  
fical-o, para assim ver-se livre  
dele. «Era menos um a difficultar o plano pacificador.»

Ora, o coronel Amaral foi des-  
tacado do exército em 24 de  
Maio, depois do combate do Cer-  
ro da Palma, e não antes como  
afirma o Dr. Varela, quando  
ainda Canabarro não cogitava  
de fazer a paz, no intuito de ob-  
servar a columna do Barão de  
Caxias, que andava por Bagé,  
e de obter fazendas para fonda-  
mento do exército, que estava  
quasi nô, em um asperrimo inver-  
no, e em tão precárias circuns-  
tâncias que Canabarro teve de  
atravessar a fronteira, internan-  
do-se no Estado Oriental, para  
dar-lhe algum descanso e abri-  
go ao pé das fogueiras contra as  
rigores da estação.

A comissão não era impropria de um chefe republicano,  
como se fosse acto de banditismo.  
Era um recurso de guerra, de  
que lançava mão o governo re-  
publicano, que se constituira e  
firmara em quasi todo o território  
rio-grandense, onde cobrava  
impostos para poder manter-se.  
Quando o Barão de Caxias se  
asseioreou de quasi toda a cam-  
panha, dissolveram-se as collec-  
torias dos republicanos, faltan-  
do-lhes portanto os únicos meios  
de que dispunham para a arrecada-  
ção regular de numerário. Lan-  
çaram então mão do unico recurso  
que lhes restava, fazendo com  
que os impostos atrazados, a que  
se julgavam com direito e cuja  
legitimidade não se pode contestar,  
pois que o havia lançado um  
governo constituido, fossem co-  
brados por meio de partidas mais  
ou menos numerosas, que invad-  
iam as povoações em poder dos  
legalistas, batendo as respectivas  
guarnições e arrecadando depois  
os impostos em gêneros ou di-  
nheiro, fazendo de tudo inventa-  
rio e passando recibo, para ressal-  
va sua e garantia dos contribui-  
tes. O processo não era regular,  
mas admisível na occasião, tendo  
sido empregado por quasi to-  
dos os oficiais da revolução,  
entre outros pelo honrado João  
Antônio e pelo virtuoso Portinho,  
em S. Borja.

Amaral teve uma comissão  
que elle não podia considerar in-  
digna, que exceptou facilmente  
por julgar-a necessária e em cu-  
jo desempenho perdeu a vida, sem  
que por isso possa ser tomado

responsável o chefe que o encar-  
regou della.

Quanto ao coronel Teixeira,  
foi destacado do exército muitos  
dias depois da surpresa de Po-  
rongos, quando as bases da pa-  
acificação já estavam aceitas por  
todos os oficiais geraes e pelo  
governo, e quando os emissários  
já iam em viagem para o Rio de  
Janeiro, faltando apenas a apro-  
vação do governo imperial. Que  
importava pois que Teixeira  
se opusesse a elles? Que valeria  
o voto de um contra o de  
quasi todos? A accusação é igual-  
mente absurda e destituída de  
base.

Teixeira separou-se do exerce-  
to para levantar cavalhadas no  
distrito do Herval, o que prova  
que Canabarro ainda se dispunha  
à resistencia. Quando se re-  
colhia ao exerceito e já perto delle,  
foi atacado de surpresa por for-  
ças superiores, morrendo como  
um bravo. Compreende-se que  
Chico Pedro preferisse atacar es-  
sa partida, que era fraca, a bater  
a columna de Canabarro. (3) No  
entanto, sendo a morte de Tei-  
xeira um incidente muito natural  
da guerra, foi capitulada da tra-  
ição.

A prevaler este criterio, de-  
viam também ser atribuídas à  
traição de Canabarro a derrota  
do general Netto na Encrusilhada  
e a prisão de José Mariano e  
Joaquim Pedro em Piratini,  
quando o exerceito republicano  
estava no Estado Oriental, assim  
como o desbarato de Guedes no  
Passo do Léo, no mesmo dia da  
surpresa do Porongos.

Quanto à accusação final de  
ter Canabarro combinado com  
Caxias deixar-se bater, para for-  
çar os seus companheiros à paz,  
também é singularmente absurdo.

Todo o acto praticado reflecti-  
damente tem uma causa e visa  
resultados de antemão previstos.  
Se tivesse havido traição de Ca-  
nabarro, ele deveria ter obrado  
impellido por algum motivo, as-  
pirando vantagens que della de-  
certo lhe adviriam. Neste caso o  
motivo seria a oposição feita à  
paz pela maioria dos chefes, e o  
resultado o termo da guerra me-  
diante grossas sommas de dinhei-  
ro, ou mesmo postos e horas-  
tias.

O motivo, como ficou demon-  
strado, não existia. As vantagens  
cifraram-se em sair Canabarro  
pobre da revolução, tendo de tra-  
balhar para obter fortuna, e em  
haverem sido reconhecidos em  
seus postos todos os oficiais re-  
publicanos, menos os generais  
Canabarro, Bento Gonçalves,  
Netto e João Antônio.

Mas, dirão, apegando-se ao ul-  
timo argumento, os acusadores  
do general republicano, como se  
explica se não houve traição, a  
arrecadação do cartuchame na  
vespera da surpresa?

(3) Na *Anecdotase* se diz  
que Chico Pedro na bateu nesse  
mesmo dia a Canabarro, por es-  
tar com os cavalhos caçados.

Esta parece ser a accusação  
mais grave e mais séria, apesar  
de não estar o facto cabalmente  
provado, porque o negam pessoal-  
mente que estavam presentes. Não  
deixarei por isso de rebatê-la.

No dia 13 se havia resolvido  
em conselho aceitar as proposi-  
tas da paz, tanto que na manhã  
seguinte devia Antonio Vicente  
da Fontoura, partir para o exerce-  
to imperial. Foi possível que al-  
guns oficiais, ignorando as hon-  
ras condições do accordo, pois  
que não se devia divulgar, antes  
da aprovação do governo imperial,  
resolução de tamanha gravidade,  
que mostrassem descontentes e  
falsosem em separar-se do exerceito  
para fazerem guerra de recursos.

Canabarro não devia de modo  
algum consentir nisso, por quanto  
qualquer imprudencia, na sua  
situação excepcional comprometeria  
o resultado das negociações,  
fazendo Caxias suspeitar de seus  
intuítos. O general imperial, como o mais forte, podia  
romper o tratado, impondo novas  
cláusulas mais duras. Qualquer  
intervenção armada, antes  
da partida dos emissários seria  
desastrosa e cumpriria evitá-la.  
Sob qualquer pretexto, tratou  
de arrecadar o cartuchame de  
um ou outro corpo, em cuja officia-  
lidade não confiava inteiramente.  
(4) Nunca suppos Chico Pedro  
em condições de poder atacar  
a vanguarda de Portinho, quando o  
exerceito republicano estava no  
Estado Oriental, assim como o  
desbarato de Guedes no Passo do  
Léo, no mesmo dia da surpresa  
do Porongos.

Alem disso, ameaçado pela  
columna de Francisco Felix, que  
todo o dia o entretivera com  
guerrilhas, só ella o preocupa-  
va e contra elle que dispôz os seu-  
s meios de ação, reforçando a  
vanguarda de Portinho. Não se de-  
siderou, entretanto, de todo, prevenindo-se contra a agressão de  
Chico Pedro, porém os seus  
piquetes avançados foram abafados,  
sem poderem disparar um tiro.  
Como sempre, o astuto e infatigável  
Moringu vencia pela rapidez e encoberto das mar-  
chás, pelo inesperado do ataque.

Em defesa de Canabarro,  
ainda poderia apresentar diver-  
sas testemunhas, todos de ac-  
cordo em afirmar que não houve  
traição de sua parte. Contento-  
me em assinalar, entre ou-  
tros, o do Barão de Ibirapuitã,  
Antônio Cândido Pereira, seu  
secretario, que estava então no  
exerceito, o do general Portinho,  
comandante da vanguarda, e o  
do coronel Manoel Lourenço do  
Nascimento, que também servia  
na revolução às suas ordens. (4)

(4) Esta é a versão do capitão  
José Pacifico Rodrigues, que  
estava então no exerceito de Ca-  
nabarro, e era prisioneiro na  
surpresa. A sua narrativa, trans-  
mitida pelo Sr. major José Ro-  
drigues de Faria, do Herval,  
está nos outros pontos de acor-  
do com a exposição do *Diário* de  
Fontoura e com as ordens do dia de Caxias.

Citarei também quatro factos,  
que podem ser considerados ou-  
tros tantos testemunhos de or-  
dem moral do mais alto valor.

Caxias, alem dos elogios que  
tributou em ordem do dia a Chico  
Pedro, promoveu por distin-  
ção aos postos immediatos di-  
versos oficiais e inferiores que  
tomaram parte na surpresa. Ca-  
xias tão nobre e magnanimo, tão  
humano que chegou a recusar o  
Te-Deu oferecido pelo vigário de  
Bagé, que demitiu o oficial  
do seu estado-maior que desres-  
petara a dor de uma família,  
não era capaz de promover offi-  
ciais que houvessem derramado  
sangue de irmãos, entregues a  
traição e sacrificados sem com-  
bater. Não! Tal victoria não  
honrava a ninguém, era antes uma  
vergonha e um opprobrio pa-  
ra o exerceito vencedor. Não!  
Caxias não desceria a essa vilia-  
nia!

Tanto Antonio Vicente da  
Fontoura como o general Porti-  
nho, dois caracteres acima de  
toda a suspeita, prezaram sempre  
e muito a amizade de Canabarro,  
aquele de certo não testemunha-  
riam provas de consideração, se o  
suspeitassem de tão negra per-  
fidia.

Quando, em 1851, foi Portinho  
nomeado commandante superior  
da guarda nacional da Cachoeira,  
Santa Maria e Cacapava, não  
quiz aceitar tal cargo, sem que  
primeiramente visse ocupando  
igual posto nas comarcas da  
fronteira o seu antigo chefe e  
amigo. (5)

Caxias, quando o exerceito bra-  
zileiro marchou para o Estado  
Oriental, na campanha de 1851  
confiou o commando da vangu-  
arda a Canabarro, sendo para  
notar que Oribe havia proposto  
aos chefes da extinta revolução  
ajudá-los a fazerem de novo a  
guerra ao imperio. Não se confia  
um posto de tamanha responsa-  
bilidade e em tão grave conjun-  
tura a um traidor, com quem  
anos antes se havia pactuado  
a entrega dos proprios compa-  
nhieiros dello.

Quando os paragnayos inva-  
diram o Rio Grande e seguiram  
desde S. Borja até Uruguayaná,

(5) O 1º foi-me transmitido  
pelo Sr. José Antonio Martins,  
de Sant'Anna do Livramento; o  
2º pelo Sr. Dr. Ramiro Barre-  
los e o 3º consta de seu *Apontamen-  
tos para a historia da re-  
volução*.

## BECADAS

101

do Quiriy-o-intendente  
Creou imposto engraçado:  
“De Industrias e profissão,  
100\$000 rs. pago preladu.”

Se o nossocura tivesse  
de igual imposto pagar,  
Faciléra o o intendente.  
Esso cobraria efectuar.

Do bolço do padre passava  
P'ao do intendente a quantia,  
E desto forma, ligado  
Do imposto livre estaria.  
*Substituto.*

houve conselho dos oficiais superiores brasileiros para deliberar o que empreria fazer. O voto do Canabarro de que não se devia tentar um ataque a comunica huijua em marcha teve a aprovação dos presentes, mas a oitava hora da noite Barão de Jacuí, que opinou por uma ação qualquer. A discussão irritou os amigos e Canabarro disse adiar-se ser do tal parecer unicamente elle. Chico Pedro, que nunca havia feito causa alguma, faltou este, com extraordinária calma, perguntando-lhe:

— E você não se lombra dos Portugos?

A colera ergon a Canabarro, e foi preciso intervir os presentes para evitar um conflito.

Se tivesse havido conflito entre os dois chefes, nem Chico Pedro falaria a traição contra o adversário, nem esse iria falar com a referir i. i. (6)

Encarando agora a questão sob outro ponto de vista, ainda se pode ter novas provas da lealdade do Canabarro.

Todo o convenio traz necessariamente vantagens reciprocas, pelo que devem lucrar com traição de Portogos, se traição tivesse havido, só o Canabarro como Caxias.

Caxias sendo o vencedor, só tinha a lucrar com a traição. Como explicar então as vantagens obtidas pelos revolucionários, vintengens de tal ordem que o governo imperial procurou evitar nas camaras a discussão a respeito, chegando mesmo a negar que tivesse feito convênios com os republicanos?

Se acontecia falar-se sobre o Rio Grande, levantava-se um deputado governista, e dizia: «A respeito do Rio Grande digamos sómente: *Esto pacifico*. Demos praga a Procedência».

Era o fogoso Antonio Carlos, que dizia: «A respeito do Rio Grande precisar-se a cavelaria os amigos tinham a respeito das multas tributadas a respeito das multas horizontais, de que pouco se falava.»

Era Alvaro Machado pedindo pelo ambo de Deus que se não falasse mais no Rio Grande. Era o Dr. Saturnino, alegando motivo sublimes, politicas as palavras uma vez preferidas na camara: «O Rio Grande está pacificado. Deixos praga a Procedência!»

Como explicar a negativa formal do ministro da guerra Jerônimo Francisco Coelho, quando interrogado, na sessão de 30 de Abril de 1845, pelo deputado Angelo Muniz da Silva Ferrez sobre as convênios da paz?

Lembra-se que disse o ministro da guerra o verá como o governo procurava encobrir o que havia tratado com os republicanos?

O acto da pacificação do sul, em já disse que não houve por parte do governo aceitação de condição alguma.

Se o nobre deputado julga que houve estipulações como de estado a estado, de potencia a potencia, em que se assinaram muitas vantagens, muitas obrigações, se é isto o que pensa o nobre deputado, eu digo que não houve.

E de certo que sacrificios se exigem da nação para satisfazerem-se essas supostas con-

(6) Tenho a narração deste episodio do meu filho do Sr. Caímo Xavier de Azambuja. Este se achava presente e serviu então às ordens de Bento Martins de Meneses, mais tarde Barão de Ijuhy.

digções, que causam tanto receio ao nobre deputado? Onde estão elles? Se elas não se satisfizeram, é porque não existiram, não existem e nada suspeitam.

Diga, pois, senhores, em conclusão, que não havia convênio, que o governo não aceitou condição alguma, não aceitou acerto o acto de submissão das nossas conciliações que procuraram volver no seu do comunidade brasileira.)

Respondendo aos questões formuladas sobre algumas das cláusulas da paz, o ministro, falando à verdade, negou que se houvesse acordo a liberdade dos escravos com praça no exercito republicano ou dispensa dos revolucionários do serviço da lida e da guarda nacional. Chegando ao ultimo quesito, se o governo reconheceria ou não a dívida da república, obrigando-se ao seu pagamento, disse, o que era uma mentira, porque fora isso estipulado no artigo 2º das condições da paz o foi cumprido depois: *Declaro redondamente que*

Encarando agora a questão sob outro ponto de vista, ainda se pode ter novas provas da lealdade do Canabarro.

Todo o convenio traz necessariamente vantagens reciprocas, pelo que devem lucrar com traição de Portogos, se traição tivesse havido, só o Canabarro como Caxias.

Caxias sendo o vencedor, só tinha a lucrar com a traição. Como explicar então as vantagens obtidas pelos revolucionários, vintengens de tal ordem que o governo imperial procurou evitar nas camaras a discussão a respeito, chegando mesmo a negar que tivesse feito convênios com os republicanos?

Se acontecia falar-se sobre o Rio Grande, levantava-se um deputado governista, e dizia: «A respeito do Rio Grande digamos sómente: *Esto pacifico*. Demos praga a Procedência».

Era o fogoso Antonio Carlos, que dizia: «A respeito do Rio Grande precisar-se a cavelaria os amigos tinham a respeito das multas tributadas a respeito das multas horizontais, de que pouco se falava.»

Era Alvaro Machado pedindo pelo ambo de Deus que se não falasse mais no Rio Grande. Era o Dr. Saturnino, alegando motivo sublimes, politicas as palavras uma vez preferidas na camara: «O Rio Grande está pacificado. Deixos praga a Procedência!»

Como explicar a negativa formal do ministro da guerra Jerônimo Francisco Coelho, quando interrogado, na sessão de 30 de Abril de 1845, pelo deputado Angelo Muniz da Silva Ferrez sobre as convênios da paz?

Lembra-se que disse o ministro da guerra o verá como o governo procurava encobrir o que havia tratado com os republicanos?

O acto da pacificação do sul, em já disse que não houve por parte do governo aceitação de condição alguma.

Se o nobre deputado julga que houve estipulações como de estado a estado, de potencia a potencia, em que se assinaram muitas vantagens, muitas obrigações, se é isto o que pensa o nobre deputado, eu digo que não houve.

E de certo que sacrificios se exigem da nação para satisfazerem-se essas supostas con-

(6) Tenho a narração deste episodio do meu filho do Sr. Caímo Xavier de Azambuja. Este se achava presente e serviu então às ordens de Bento Martins de Meneses, mais tarde Barão de Ijuhy.

da igualdade da sua submissão avultante depois do um desbravamento completo, de um aniquilamento total, fazendo uma paz vantajosa quando ainda tinha forças para prosseguir na luta tratando condições o não necessitando uma portada do imperio vencedor.

Elo é um herói, dos maiores que tomou o Rio Grande. O seu nome deve ser respeitado e venerado pelas gerações vindouras.

A historia da revolução não tem a mancha que lho qualificam. Ela está expurgada da sua infâmia.

ALFREDO F. RODRIGUES.

### NOTICIARIO

#### EDIFICANTE !

Somos informados fidelmente que do Cató foram enviados para Porto Alegre, talvez 140 voluntários para engajar-se as fileiras do exercito castilhista — valgo brigada militar.

Esses voluntários arrancados uns aos braços de uma milha, outros aos carinhos de uma milha, de uma ironia, todos ao trabalho, seguiriam para eterna igualdade do feroz castilhismo a pé, em colheras de dois a dois.

As condições da paz foram uma vitória moral para a revolução, que tratou com o governo como de potencia a potencia, só dependendo as armas mediante uma convénio em que se estipulavam obrigações reciprocas.

Canabarro, traidor não teria conseguido tão favorável resultado. O simples facto do seu traidor tivesse como imediata consequência a sua submissão incondicional, Caxias, aceitando o condão e sendo o mais forte, a propriedade da derrota para desfazer as negociações entabuladas e impor a sua vontade nos vencidos, contudo, como devia contar, com o apulo do chefe traidor.

Mas nada disso se deu. Em quanto Fontoura esteve no Rio, as operações de guerra prosseguiram, continuando as columnas, logo no encargo dos revolucionários, tendo terminado por captação aeroportada por um sol.

Um dia vem depois do ontem...  
Quararay

Salve o nosso collega da FONTEIRA, de Quararay, que o vice-intendente do município, Sr. Major Miguel Corrêa, no projecto de lei do orçamento para o anno de 1899, fez extensivo aos padres o imposto de indústria e profissões, devendo pagarem por anno 100\$000.

#### QDRO

Este poderoso medicamento afamado espécie do Dr. Humphreys, cura o habito do fumo, revigora a ação do coração; melhora a digestão e produz força e vigor.

#### T. CARAMBULA.

O quadro que mede 90 centímetros de alto sobre 45 mas no menor de largura, revela eloquentemente o gosto e o talento do jovem T. Carambula, assim como o privilegiado genio artístico de que é dotado.

#### CARTA

Os proprietários desta folha pedem nos para declarar ao público que devido estar enfermo o redactor principal, deixou a mesma a sahir ante-hontem, para apparecer amanhã.

Felicitemo-lo.

#### Club Borboletas

Na noite de 1º de corrente realizou-se o baile do gentil Club Borboletas, que extraordinariamente concorrido prolongou-se até altas horas da noite.

Antes de dar-se começo à dança efectuou-se a eleição da nova diretoria do Club, reelegendo-se o baile do gentil Club Borboletas, que extraordinariamente concorrido prolongou-se até altas horas da noite.

Antes de dar-se começo à dança efectuou-se a eleição da nova diretoria do Club, reelegendo-se o baile das Exmas, São e Senhoritas. Presidente: D. Rosa M. Praizes.

Vice-Presidente: D. Murielina Ribeiro Noyes.

1º Secretaria: D. Graciolima Pinheiro.

2º Secretaria: D. Bella Latharte.

Tesoureiro: D. Anna Ferreira.

Procuradora: D. Francisca da Fonseca Vasconcellos.

Finda a eleição o Sr. Hugo Andrade, à pedido da Exma. Sra. D. Francisca M. Pereira, ex-presidente do Club — agrideceu em nome desta Exma. Sra. o concurso que os concorrentes lhe haviam prestado durante o anno final.

Continuando o Sr. Hugo Andrade em nome desta Exma. Sra. o concurso que os concorrentes lhe haviam prestado durante o anno final.

Comunicando o Sr. Hugo Andrade em nome da sua administração que o seu pagamento, o que era uma miseria, porque fora isso estipulado no artigo 2º das condições da paz o foi cumprido depois: *Declaro redondamente que*

Encarando agora a questão sob outro ponto de vista, ainda se pode ter novas provas da lealdade do Canabarro.

Todo o convenio traz necessariamente vantagens reciprocas, pelo que devem lucrar com traição de Portogos, se traição tivesse havido, só o Canabarro como Caxias.

Caxias sendo o vencedor, só tinha a lucrar com a traição.

Como explicar então as vantagens obtidas pelos revolucionários, vintengens de tal ordem que o governo imperial procurou evitar nas camaras a discussão a respeito, chegando mesmo a negar que tivesse feito convênios com os republicanos?

Se acontecia falar-se sobre o Rio Grande, levantava-se um deputado governista, e dizia: «A respeito do Rio Grande digamos sómente: *Esto pacifico*. Demos praga a Procedência».

Era o fogoso Antonio Carlos, que dizia: «A respeito do Rio Grande precisar-se a cavelaria os amigos tinham a respeito das multas tributadas a respeito das multas horizontais, de que pouco se falava.»

Era Alvaro Machado pedindo pelo ambo de Deus que se não falasse mais no Rio Grande. Era o Dr. Saturnino, alegando motivo sublimes, politicas as palavras uma vez preferidas na camara: «O Rio Grande está pacificado. Deixos praga a Procedência!»

Como explicar a negativa formal do ministro da guerra Jerônimo Francisco Coelho, quando interrogado, na sessão de 30 de Abril de 1845, pelo deputado Angelo Muniz da Silva Ferrez sobre as convênios da paz?

Lembra-se que disse o ministro da guerra o verá como o governo procurava encobrir o que havia tratado com os republicanos?

O acto da pacificação do sul, em já disse que não houve por parte do governo aceitação de condição alguma.

Se o nobre deputado julga que houve estipulações como de estado a estado, de potencia a potencia, em que se assinaram muitas vantagens, muitas obrigações, se é isto o que pensa o nobre deputado, eu digo que não houve.

E de certo que sacrificios se exigem da nação para satisfazerem-se essas supostas con-

dições, que causam tanto receio ao nobre deputado? Onde estão elles? Se elas não se satisfizeram, é porque não existiram, não existem e nada suspeitam.

Diga, pois, senhores, em conclusão, que não havia convênio, que o governo não aceitou condição alguma, não aceitou acerto o acto de submissão das nossas conciliações que procuraram volver no seu do comunidade brasileira.)

Respondeu aos questões formuladas sobre algumas das cláusulas da paz, o ministro, falando à verdade, negou que se houvesse acordo a liberdade dos escravos com praça no exercito republicano ou dispensa dos revolucionários do serviço da lida e da guarda nacional.

Chegando ao ultimo quesito, se o governo reconheceria ou não a dívida da república, obrigando-se ao seu pagamento, disse, o que era uma mentira, porque fora isso estipulado no artigo 2º das condições da paz o foi cumprido depois: *Declaro redondamente que*

Encarando agora a questão sob outro ponto de vista, ainda se pode ter novas provas da lealdade do Canabarro.

A colera ergon a Canabarro, e foi preciso intervir os presentes para evitar um conflito.

Se tivesse havido conflito entre os dois chefes, nem Chico Pedro, que nunca havia feito causa alguma, faltou este, com extraordinária calma, perguntando-lhe:

— E você não se lombra dos Portugos?

A colera ergon a Canabarro, e foi preciso intervir os presentes para evitar um conflito.

SEMPRE ALTO PRAZER

Continuando o Sr. Hugo Andrade em nome da sua administração que o seu pagamento, o que era uma miseria, porque fora isso estipulado no artigo 2º das condições da paz o foi cumprido depois: *Declaro redondamente que*

Encarando agora a questão sob outro ponto de vista, ainda se pode ter novas provas da lealdade do Canabarro.

Todo o convenio traz necessariamente vantagens reciprocas, pelo que devem lucrar com traição de Portogos, se traição tivesse havido, só o Canabarro como Caxias.

Caxias sendo o vencedor, só tinha a lucrar com a traição.

Como explicar então as vantagens obtidas pelos revolucionários, vintengens de tal ordem que o governo imperial procurou evitar nas camaras a discussão a respeito, chegando mesmo a negar que tivesse feito convênios com os republicanos?

Se acontecia falar-se sobre o Rio Grande, levantava-se um deputado governista, e dizia: «A respeito do Rio Grande digamos sómente: *Esto pacifico*. Demos praga a Procedência».

Era o fogoso Antonio Carlos, que dizia: «A respeito do Rio Grande precisar-se a cavelaria os amigos tinham a respeito das multas tributadas a respeito das multas horizontais, de que pouco se falava.»

Era Alvaro Machado pedindo pelo ambo de Deus que se não falasse mais no Rio Grande. Era o Dr. Saturnino, alegando motivo sublimes, politicas as palavras uma vez preferidas na camara: «O Rio Grande está pacificado. Deixos praga a Procedência!»

Como explicar a negativa formal do ministro da guerra Jerônimo Francisco Coelho, quando interrogado, na sessão de 30 de Abril de 1845, pelo deputado Angelo Muniz da Silva Ferrez sobre as convênios da paz?

Lembra-se que disse o ministro da guerra o verá como o governo procurava encobrir o que havia tratado com os republicanos?

O acto da pacificação do sul, em já disse que não houve por parte do governo aceitação de condição alguma.

Se o nobre deputado julga que houve estipulações como de estado a estado, de potencia a potencia, em que se assinaram muitas vantagens, muitas obrigações, se é isto o que pensa o nobre deputado, eu digo que não houve.

E de certo que sacrificios se exigem da nação para satisfazerem-se essas supostas con-

dições, que causam tanto receio ao nobre deputado? Onde estão elles? Se elas não se satisfizeram, é porque não existiram, não existem e nada suspeitam.

**Alfaiataria  
RIO-GRANDENSE**

— DE —

**ANTONIO EPICANEQ**

RUA DOS ANDRADAS N:

Esta já bem conhecida alfaiataria, fundada neste localidade em

**1885,**

acaba de receber, directamente da Europa, um magnifico e estrondoso sortimento de boas casimiras, como sejam : especialidade em *Repes Grandos*, preto e azul, genero chinez, de diversos padrões, para todos os gostos e proprios para esta estação.

Possui tambem habéis artistas quo, com presteza e solidez, manufaturam toda e qualquer obra, ao gosto do mais exigente frequentador.

Os preços porque deliberon vender seus generos são tão razoáveis que não tem competencia.

Venham e verificar-se-ão.

**LIVRAMENTO**

**MADEIRAS**

*Taboas, eixos de batinga, linhas etc., etc.  
em casa dos Srs. Conde & Blanco, Livramento.*



**diligencias e correios**

**EDUARDO GRÉ**

ENTRE RIVERA E BAGÉ

Saídas de Rivera — 5 — 15 — 25,

— Bagé — 10 — 20 — 30,

Agente em Rivera — Enrique

Arbifeuille.

**EMP. EMILIO CAVALHO**

ENTRE LIVRAMENTO E QUARAHY

Saídas do Livramento nos

dias — 10 — 20 e 30.

Do Quarahy — 1 — 11 e 21.

Chegadas ao Livramento, nos

dias — 6 — 16 e 26.

Agentes no Livramento,

no Quarahy,

**PASCUAL ROBATO**

ENTRE LIVRAMENTO, RIVERA, ES-

TACAO PALOMAS E S. EUGENIO

Saídas geraes de Rivera e

Livramento, nos dias — 6 — 16 e

26.

Do S. Eugenio — 2 — 12 e 22.

Agentes em S. Eugenio Cristobal Aguirresabale, — Em Rive-

ra Fons & Comp.

**ITINERARIO DO CORREIO NACIONAL DO LIVRAMENTO**

As malas para D. Pedrito, Bagé, Pelotas e Rio Grande, fecham-se nos dias — 2 — 7 — 12 — 17 —

22 e 27.

Para Porto Alegre (via Caçapuy) nos dias — 2 — 12 — 22 e 27.

Para o Alegrete, Quarahy e Urugayana — quartas-feiras.

Para a Capital Federal (via Montevideo) — terças-feiras.

Para Montevideo — quartas,

sextas e domingos.

**CHEGADAS**

De Rio Grande, Pelotas, Bagé e D. Pedrito — 4 — 9 — 14 — 19 —

24 e 29.

De Porto Alegre — 9 — 19 — 26

e 30.

De Urugayana, Quarahy e Alegrete — nas segundas-feiras.

Da Capital Federal — nas se-

gundas, quartas e sábados.

O agente: — Jodo Baptista G.

Junior.

**LOJA E ARMAZEM**

**“15 DE MAIO,”**

— DE —

**Antonio A. Ferreira**

GERENTE: — ILYRIO NUNES

**ESTAÇÃO LAURELES**

Nesta casa, recentemente aberta à concorrencia publica, encontrarão os habitantes da campanha e transeuntes um exemplificado sortimento de toda classe de mercadorias convenientes aos ramos da fazendas, molhados, ferragens, longas e etc. Como nova, esta casa deixa acreditar-se e por isso resolvem vender suas mercadorias por preços sumamente modicos, nunca vistos na campanha, não temendo

**competencia alguma.**

Para os transeuntes e via-

jantes que venham tomar o trem, a casa tem boas accommodações e dá hospedagem, podendo os Srs. passa-

geiros contar com excelente trato, abundante

comida e bons vinhos. Tem também patreiros pa-

ra cavallos, bem seguro e empastado e peão para en-

sillar os cavallos a qualquer hora que sejam pedidos. Com-

pra frutos do paiz pelos mais altos preços, oferecendo nisto

vantagens por não fazer a casa despesa com fretes de carretas.

Dentro dos seus ramos de negojo a casa recebe toda

classe de encomendas, obrigando-se a mandar-

as vir de Montevideo, Taquaribó,

Rivera ou Livramento median-

te uma insignificante

comissão.

**PREVENÇÃO FINAL: — A CASA NÃO FIA!**

**LAURELES**

**JUNTO Á ESTAÇÃO**

**HOTEL DO COMÉRCIO**

FUNDADO EM 1869)

**LIVRAMENTO**

RUA 29 DE JUNHO NUM. 9 — ESQUINA 1º. DE MARÇO

— DE —

**Antonio Tommasi**

PROPRIETARIO DO

**RESTAURAT 25 DE MAYO**

CALLE SARANDÍ — RIVERA

**Pharmacia**

**ORIENTAL**

— DE —

**JOAO CAFFONE**

(PHARMACEUTICO)

O proprietario desta bem montada pharacie oferece ao publico

desta localidade e do Livramento, o seu estabelecimento,

semprão bem suftido de tudo quanto se relaciona

com uma casa desta ordem.

Tem semprão á venda os melhores e mais legitimos prepa-

rados estrangeiros. O trabalho de mani-

pulação é garantido e feito

semprão com toda a presteza possivel

Aviam-se receitas a qualquer hora do dia ou da noite.

**PREÇOS BARATISSIMOS**

RUA SARANDÍ

**RIVERA**

**Officinas Industriais**

— E —

**FABRICA DE TAMANCOES**

**A' VAPOR**

— DE —

**Estevão De Lorenzi**

Nesta antiga e bem conhecida casa encontra-se sempre grande sortimento em fogões economicos, torradores de café, machineas para aramar etc. etc.

Fazem-se concertos e pintam-se toda classe de VEHICULOS: — diligencias, carros, carroças, carretas, etc.

Concerta-se tambem toda classe de machineas e armas: e finalmente trabalha-se por completo no ramo de FERRARIA E MECANICA.

Faz-se, promptamente, com esmero e perfeição, qualquer obra em forros, assolehos, portas, janellas, portaladas de todas as classes e medidas e trabalha-se em tudo quanto é concernente a CARPINTARIA.

Tem sempre preparado e pronto um completo SORTIMENTO em JANELLAS e PORTAS de todos os gostos e classes.

TABOAS para assolehos e forros, sendo aquellas machinadas.

FAZ-SE MOBILIAS COMPLETAS PARA ALCOVA E CO-MEDOR, segundo dezenhos os mais modernos, luxo e elegancia; e TEM-SE DESTAS, SEMPRE UM COMPLETO SORTIDO.

Há tambem completo sortimento de omáibas, carroças, carretilhas, etc. etc.

**ENTORNEA-SE QUALQUER PEÇA PARA MOVEIS**

Trabalha-se para as talabarterias e faz se cabegas de lombilhos, serigotes, armações para sellins, e qualquer outra peça do mesmo genero.

**TAMANCARIA**

Há sempre um grande sortido em tamancoes, de fazenda e de couro, lisos e com fitellas. **VENDE-SE POR ATACADO E A VAREJO.**

Estas officinas servidas com machineas dos mais aperfeiçoados systemas, dispõe para o caso de GRANDE DEPOSITO DE MADEIRA DE TODAS AS CLASSES, que tambem estão expostas á venda.

— POR PREÇOS MODICISSIMOS —

RUA 1º DE MARÇO

ESQ. 24 DE MAIO

**EXCELSA MECANICO**

**BARBERIA**

**EL FERRO CARRIL**

— DE —

**ENRIQUE ARBIFEUILLE**

**el Ferro Carril**  
Que en esta casa modelo,  
Se afeita y se corta el pelo  
En un rato a quince mil.

**le hacen obras en cabello,  
Bonitas, baratas, buenas;  
Como anillos y cadenas  
Y relojes de lo bello.**

— CALLE SARANDÍ — RIVERA —

**COLLEGIO**

**CURSO PRIMARIO E SECUNDARIO**

Abrirão suas aulas no proximo mes de Dezembro, no predio quo funciona o Collegio dirigido pelo illustre, habil e distinto professor, o Sr. Tristão d'Avila, que infelizmente retira-se desta cidade.

**PROGRAMMA**

Para os analphabetos o metodo Joao de Deus.

Portuguez, arithmetic, geographia, geometria, franeez, inglez, Dezenho e gymnastica.

**CONDICÕES**

Os trimestre serão pagos adiantados e no acto da matricula quo é a seguinte:

**INTERNOS 45\$000 por mes — EXTERNOS 10\$000 por mes,**  
não incluindo o franeez, inglez e gymnastica que serão pagos a parte. As aulas de desenho e inglez serão dirigidas pelo habil e distinto professor o Sr. Henrique Bawwester e as demais pelo director.

Livramento, Novembro de 1898.

*Leônidas de Araújo.*

**JORNAES VELHOS  
nesta typographia  
vende-se jornaes velhos a oito mil reis a arroba.**